LEITURA, ESCRITA DE SI E RESISTÊNCIA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE PRÁTICAS DE SUBJETIVAÇÃO EM "CAROLINA"

Janaina de Jesus Santos
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-8888-6592
Endereço eletrônico: janaina.santos@uesb.edu.br

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus; cuidado de si; escrita de si; técnicas de si; resistência.

INTRODUÇÃO

Apesar dos avanços observados nas últimas décadas, o acesso à leitura e à escrita no Brasil permanece atravessado por profundas desigualdades raciais, sociais e de gênero. Dados do IBGE 2024[1] revelam que a taxa de analfabetismo entre pessoas pretas e pardas (6,9%) é mais que o dobro daquela registrada entre pessoas brancas (3,1%), evidenciando a permanência de processos históricos de exclusão educacional.

Nessa conjuntura, torna-se pertinente problematizar como a leitura e a escrita podem ser compreendidas não apenas como competências escolares, mas como práticas discursivas capazes de produzir subjetividades, elaborar experiências e criar formas de resistência. Portanto, o problema desta pesquisa emerge da seguinte questão: como as práticas de leitura e escrita representadas no filme curta-metragem *Carolina* (2003, Jeferson De, Brasil, 14 min.) constituem "cuidado de si", "tecnologias de si" e resistência diante dos regimes de verdade que historicamente marginalizaram mulheres negras, pobres e periféricas?

Com Michel Foucault (1985, 2014), especificamente suas reflexões acerca do "cuidado de si", das "tecnologias de si" e poder, compreendemos a escrita como uma prática ética, por meio da qual os sujeitos elaboram suas experiências e produzem formas singulares de existência. Assim, temos como objetivo geral problematizar as práticas de leitura e escrita enquanto "cuidado de si", "tecnologias de si" e resistência aos regimes de verdade que historicamente marginalizaram mulheres negras, pobres e periféricas. Para tanto, buscamos

[1] https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/43699-indicadores-educacionais-avancam-em-2024-mas-atraso-escolar-aumenta

discutir a leitura como prática discursiva, descrever a noção foucaultiana de "cuidado de si", analisar a escrita representada no filme como "tecnologia de si" e identificar práticas discursivas de resistência produzidas pela protagonista diante das relações de saber-poder que atravessam sua existência.

METODOLOGIA

Alinhada com os preceitos foucaultianos, assumimos a arqueogenealogia para a composição do arquivo e a análise das práticas de "cuidado de si", "tecnologias de si" e resistência no filme curta-metragem *Carolina*. Navarro e Sargentini (2022) teorizam a arqueogenealogia como metodologia para compreender o regime de verdade discursivo nos diferentes momentos históricos. Isso é, o discurso é analisado na articulação entre saberes, poderes e processos de subjetivação, de modo a desnaturalizar verdades e subjetividades.

Os procedimentos voltam-se ao que é singular na produção de sentidos. Nesse sentido, recortamos o filme em unidades menores como enunciados verbais e imagéticos na busca de detalhes. Coletamos vestígios das condições de possibilidade históricas atuais que permitem a emergência de discursos e saberes relacionados a "escrita de si" de uma mulher negra, pobre e periférica e sua aceitação como "verdadeiro". Com base em Foucault (2023), só existe exercício de poder quando há possibilidade de sua correlata resistência, entendemos a fome, a racionalidade do Estado, o racismo e as desigualdades de gênero para tensionar discursos que os sustentam. Por último, buscamos rastros do sujeito Carolina como uma produção dessas práticas discursivas, mecânicas de poder e "técnicas de si". O trabalho sobre a relação que liga o sujeito mulher negra a si mesma, para se produzir e se transmutar, leva ao deslocamento de sua subjetividade na própria relação poder-saber. A partir dos vestígios das práticas de leitura e escrita representadas no filme curta-metragem, interpretamos qualitativamente a realidade sócio-histórica de mulheres negras, pobres e periféricas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na complexa rede da materialidade cinematográfica, recortamos e organizamos os enunciados para problematizar a constituição do sujeito mulher negra, pobre e periférica Carolina por meio de práticas de "cuidado de si", "tecnologias de si" e resistência em práticas de leitura e escrita em quatro eixos, a saber: 1) Carolina como leitora do mundo, 2) A escrita

como prática de cuidado de si, 3) A construção discursiva do sujeito Carolina e 4) Escrita e resistência.

Quadro 1. Eixos analíticos e enunciados

	Eixos	Enunciados
1	**Carolina como leitora do mundo**	• Carolina interpreta a favela: "Quando estou na favela, tenho a impressão de ser um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejos." (CAROLINA, 2003) • Carolina descreve a fome: "No dia 13/05/1958, eu lutava contra a escravatura atual: a fome" (CAROLINA, 2003) • Carolina produz sentidos sobre desigualdade: "[...] aqui os brancos têm mais oportunidades que o preto, que o preto é sempre posto de lado." (CAROLINA, 2003)
2	**A escrita como prática de cuidado de si**	Os registros diários funcionam como: • registro da experiência: "Levantei. Obedeci Vera Eunice" (CAROLINA, 2003). • elaboração do sofrimento: "Eu ponho o saco na cabeça e levo-a nos braços. Suporto o peso do saco e o peso da Vera."; "Quando estou na favela, tenho a impressão de ser um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejos."; "A Vera ia a sorrir. E eu pensei no Casemiro de Abreu, que disse: 'Ri, criança. A vida é bela'. Só se a vida era boa naquele tempo. Porque agora a época está apropriada para dizer: 'Chora, criança. A vida é amarga'". (CAROLINA, 2003) • exercício de reflexão sobre si: "Quando estou na favela, tenho a impressão de ser um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejos."
3	**A constituição discursiva do sujeito Carolina**	Carolina se posiciona discursivamente como • mulher negra: "No dia 13/05/1958, eu lutava contra a escravatura atual: a fome" (CAROLINA, 2003); "Sonhei que eu era um anjo, meu vestido era amplo [...]. Eu ia da terra para o céu, pegava as estrelas com a mão. [...]Elas prepararam um espetáculo para homenagear-me." (CAROLINA, 2003). • mãe: "Eu ponho o saco na cabeça e levo-a nos braços. Suporto o peso do saco e o peso da Vera.", "Levantei. Obedeci Vera Eunice" (CAROLINA, 2003); • escritora e intelectual periférica: "Quando estou na favela, tenho a impressão de ser um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejos.", "Não tenho força física, mas minhas palavras ferem", (CAROLINA, 2003).
4	**Escrita e resistência**	• denúncia da fome: "A Vera começou a pedir comida e eu não tinha" (CAROLINA, 2003); • crítica ao Estado: "[...] o custo dos gêneros alimentícios não nos permite a realização dos nossos desejos. Atualmente, nós somos escravos do custo de vida" (CAROLINA, 2003); • crítica ao racismo: "[...] sua empregada é preta e ela está contente com ela.", "Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém." (CAROLINA, 2003); • crítica às desigualdades de gênero: "Não tenho força física, mas minhas palavras ferem" (CAROLINA, 2003).

Fonte: Dados da pesquisa.

Assumindo os movimentos de câmera como produtor de sentidos, observamos a

regularidade da dinâmica de giros ao redor da protagonista. No cenário de sua casa, restrita a um quarto, a câmera vai do corpo de Carolina para a cozinha ou o inverso. Registramos cinco momentos de sua ocorrência. É interessante pontuar que a câmera nos mostra na sequência: o caderno, corpo de Carolina e fogão com utensílios; ou seu inverso. Por vezes, a impressão causada é de que ela e sua mesa dançam no meio do cenário. A partir desses movimentos de giro, podemos fazer analogia com os movimentos de rotação e translação do planeta Terra, marcando a passagem de dias e anos. A princípio, o movimento mostra o mesmo cenário, o mesmo corpo, os mesmos objetos. A mudança é silenciosa e quase imperceptível. Então, é mostrado o enunciado "Sua filha Vera Eunice é professora e mora na cidade de São Paulo." Mãe e filha são iluminadas num cenário totalmente preto. A câmera gira algumas vezes, evidenciando o rosto de cada uma. Elas olham para o alto de modo altivo.

Nesse encadeamento de enunciados, é construído o sentido da leitura de mundo (favela, fome e desigualdade); a escrita como prática de "cuidado de si" (registro da experiência, elaboração do sofrimento, exercício de reflexão sobre si); a constituição do sujeito Carolina (mulher negra, mãe, escritora e intelectual periférica); e a escrita e resistência (denúncia da fome, crítica ao Estado, racismo e às desigualdades de gênero). A leitura de mundo foi possibilitadora do "cuidado de si" e nas "técnicas de si" para se elaborar e resistir ao lugar que historicamente é destinado às mulheres negras, pobres e mãe solo. Carolina resiste e se elabora como escritora e intelectual periférica. A partir dessa posição de poder-saber, lhe é permitido enunciar, denunciar a fome e criticar os discursos hegemônicos que reproduzem práticas de racismo e desigualdade de gênero e classe.

CONCLUSÕES

A escrita de Carolina Maria de Jesus constitui uma prática de leitura do mundo e de escrita de si que opera como tecnologia de subjetivação, permitindo à autora produzir formas de cuidado de si e resistência frente aos regimes discursivos que historicamente silenciaram mulheres negras e pobres no Brasil. Desse modo, transforma uma experiência historicamente silenciada em acontecimento discursivo, fazendo com que aquilo que frequentemente permanecia à margem dos discursos hegemônicos passasse a integrar o campo do dizível, produzindo fissuras nas relações de poder e ampliando as possibilidades de representação de sujeitos subalternizados. A escrita configura-se, portanto, como prática de resistência, pois ao

narrar a si mesma, a autora não apenas conta sua história, mas produz novas formas de existência e de reconhecimento para si e para outros sujeitos igualmente atravessados por processos históricos de marginalização.

REFERÊNCIAS

CAROLINA, 14min. Direção: Jeferson De, 2003.

FOUCAULT, Michel. As técnicas de si. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos IX**: Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade. Tradução: Edson Alciati. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. p. 264-296.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade III:** o cuidado de si**.** Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

NAVARRO, Pedro; SARGENTINI, Vanice. Por uma Arqueogenealogia dos Estudos Discursivos Foucaultianos no Brasil - Cartografias: Entrevista com Maria do Rosario Gregolin. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, v. 53, n. 2, p. 20-40, maio/ago. 2022. Disponível em: https://doi.org/10.18309/ranpoll.v53i2.1777. Acesso em: 21 maio 2026.